

# 2ª Fase Exame Discursivo



05/12/2010

## LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA

### Caderno de prova

Este caderno, com dezesseis páginas numeradas sequencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa / Literatura Brasileira.

**Não abra o caderno antes de receber autorização.**

### Instruções

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se seu nome, seu número de inscrição e seu número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos três cadernos.

**Se houver algum erro, notifique o fiscal.**

3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

**Se houver algum erro, notifique o fiscal.**

5. Todas as respostas e o desenvolvimento das soluções, quando necessário, deverão ser apresentados nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta.

**Não serão consideradas as questões respondidas fora desses locais.**

### Informações gerais

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar, entregue **os três cadernos** ao fiscal.

Nas salas de prova, não será permitido aos candidatos portar arma de fogo, fumar, usar relógio digital ou boné de qualquer tipo, bem como utilizar corretores ortográficos líquidos ou similares.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2011 o candidato que, durante as provas, utilizar qualquer meio de obtenção de informações, eletrônicos ou não, tais como calculadoras, agendas, computadores, rádios, telefones, receptores, anotações manuscritas ou impressas e livros.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

**Boa prova!**





## Texto I

Daí à pedreira restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos<sup>1</sup> a ponta de picão<sup>2</sup>; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro<sup>2</sup> e macete<sup>2</sup>. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro<sup>3</sup> havia chegado à fralda<sup>4</sup> do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado<sup>5</sup> flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinamente lhe escorriam pela ciclópica<sup>6</sup> nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

O cavouqueiro meneou a cabeça com ar de lástima. O seu gesto desaprovava todo aquele serviço.

– Veja lá! disse ele, apontando para certo ponto da rocha. Olhe para aquilo! Sua gente tem ido às cegas no trabalho desta pedreira. Deviam atacá-la justamente por aquele outro lado, para não contrariar os veios da pedra. Esta parte aqui é toda granito, é a melhor! Pois olhe só o que eles têm tirado de lá – umas lascas, uns calhaus<sup>7</sup> que não servem para nada! É uma dor de coração ver estragar assim uma peça tão boa! Agora o que hão de fazer dessa cascalhada que aí está senão macacos<sup>8</sup>? E brada aos céus, creia! ter pedra desta ordem para empregá-la em macacos!

O vendeiro escutava-o em silêncio, apertando os beiços, aborrecido com a ideia daquele prejuízo.

ALUÍSIO AZEVEDO  
*O cortiço*. São Paulo: Ática, 2009.

## Vocabulário:

<sup>1</sup> lajedos - pedras

<sup>2</sup> picão, escopro, macete - instrumentos de trabalho

<sup>3</sup> cavouqueiro - aquele que trabalha em minas e pedreiras

<sup>4</sup> fralda - parte inferior

<sup>5</sup> escalavrado - golpeado, esfolado

<sup>6</sup> ciclópica - colossal, gigantesca

<sup>7</sup> calhaus - pedras soltas

<sup>8</sup> macacos - paralelepípedos

01

*pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, (l. 10-12)*

Para caracterizar a pedreira, o narrador utiliza várias vezes uma determinada figura de linguagem, como no trecho sublinhado acima.

Identifique essa figura de linguagem e um de seus efeitos estilísticos.

Transcreva, em seguida, uma passagem do texto em que a pedreira é descrita sob uma perspectiva diferente.

---



---



---



---



---



---



---

02

O texto de Aluísio Azevedo, que faz parte da estética naturalista, utiliza recursos expressivos de sonoridade, como a onomatopeia.

Considere o seguinte fragmento:

*E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, (l. 6-7)*

Indique dois exemplos do emprego da onomatopeia e justifique a sua presença no texto naturalista.

---



---



---



---



---



---



---

03

*Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, (l. 8-9)*

O enunciado acima apresenta uma sequência de sensações.

Aponte o valor semântico dessa sequência e identifique no texto outro exemplo em que a disposição das palavras produza efeito similar.

---



---



---



---



---



---

## Texto II

### Desencontrários

Mandei a palavra rimar,  
ela não me obedeceu.

Falou em mar, em céu, em rosa,  
em grego, em silêncio, em prosa.

5 Parecia fora de si,  
a sílaba silenciosa.

Mandei a frase sonhar,  
e ela se foi num labirinto.

Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.

10 Dar ordens a um exército,  
para conquistar um império extinto.

PAULO LEMINSKI

GÓES, F. e MARINS, A. (orgs.)

*Melhores poemas de Paulo Leminski.* São Paulo: Global, 2001.

04

Mandei a palavra rimar,  
ela não me obedeceu.

Falou em mar, em céu, em rosa,  
em grego, em silêncio, em prosa. (v. 1-4)

No fragmento acima, o emprego da palavra “prosa” possibilita duas interpretações distintas do verso sublinhado: uma que reafirma o que ele expressa e outra que se opõe a ele.

Apresente essas duas possibilidades de interpretação.

---

---

---

---

---

---

---

05

Considere a formação da palavra “Desencontrários”, título do poema de Paulo Leminski.

Separe seus elementos mórficos. Em seguida, nomeie o primeiro morfema que a compõe e indique seu significado.

---

---

---

---

---

---

---

## Texto III

O chefe da estação me olhou de cara feia, e me deu a passagem e o troco. Bateu com a prata na mesa. Se fosse falsa, estaria perdido. Guardei o cartão com ganância no bolso da calça. A estação se enchera. Um vendedor de bilhete me ofereceu um. Não desconfiava de mim. O chefe foi que me olhou com a cara fechada. Já se ouvia o apito do trem. Cheguei para o lugar onde paravam os carros de passageiros. E o

5 barulho da máquina se aproximando. Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender. Ninguém saberia. E o trem parado nos meus pés. Tomei o carro num banco do fim, meio escondido. O Padre Fileto me viu. Tirava esmolas para a obra da igreja.

– Não foi para a parada?

– Não senhor, vou ver o meu avô que está doente.

10 A mesma mentira saída da boca automaticamente. Os meninos passavam vendendo tareco<sup>1</sup>. Quis comprar um pacote, mas estava com receio. Qualquer movimento de minha parte me parecia uma denúncia. O homem do bilhete voltou outra vez me oferecendo. Num banco da minha frente estava um sujeito me olhando. Sem dúvida, passageiro do trem. E me olhando com insistência. Levantou-se e veio falar comigo:

– Menino, que querem dizer estas letras?

15 – Instituto Nossa Senhora do Carmo.

– Pensei que fosse “Isto não se conhece”...

Ri-me sem querer. E as outras pessoas acharam graça. Pedi a Deus que o trem partisse. Por que não partira aquele trem? Meu boné me perderia. Podia ter vindo de chapéu. Nisto vi Seu Coelho. Entrei disfarçando para a latrina do trem. E não vi mais nada. Só saí de lá quando vi pelo buraco do aparelho a terra andando.

20 Sentei-me no mesmo lugar. Vi a cadeia, o cemitério.(...)

E o Pilar chegando. O Recreio do Coronel Anísio, com a sua casa na beira da linha. E a gente já via a igreja. O trem apitava para o sinal. Passou o poste branco. Saltei do trem como se tivesse perdido o jeito de andar. Escondi-me do moleque do engenho. O trem saía deixando no ar um cheiro de carvão de pedra. Lá se ia Ricardo com os jornais para o meu avô. Faltava-me coragem para bater na porta do engenho como fugitivo.

25 E fui andando à toa pela linha de ferro. Que diria quando chegasse no engenho? Lembrei-me então que pela linha de ferro teria que atravessar a ponte. E desviei-me para a caatinga. Pegaria mais adiante o mesmo caminho. Estava pisando em terras do meu avô. O engenho de Seu Lula mostrava o seu bueiro pequeno, com um pedaço caído. Que diabo diria no Santa Rosa, quando chegasse? Era preciso inventar uma mentira. Fiquei parado pensando um instante. Achei a mentira com a alegria de quem tivesse encontrado um

30 roteiro certo. Sonhara que meu avô estava doente e não pudera aguentar o aperreio do sonho. E fugira. Achariam graça e tudo se acabaria em alegria. Mas cadê coragem para chegar? Já me distanciava pouco da minha gente. O bueiro do Santa Rosa estava ali perto, com a sua boca em diagonal. Subia fumaça da destilação. Com mais cinco minutos estaria lá. Era só atravessar o rio. Fiquei parado pensando. O rio dava água pelos joelhos. O gado do pastoreador passava para o outro lado. E cadê coragem para agir? E o tempo

35 a se sumir. E a tarde caindo. A casa-grande inteira brigaria comigo. No outro dia José Ludovina tomaria o trem para me levar. E o bolo, e os gritos de Seu Maciel. Vou, não vou, como as cantigas dos sapos na lagoa. Um trem de carga apitou na linha. Tirei os sapatos, arregaçando as calças para a travessia. A porteira do cercado batia forte no mourão<sup>2</sup>. E no silêncio da tarde, tudo aumentava de voz. (...)

Vocabulário:

<sup>1</sup> tareco - biscoito

<sup>2</sup> mourão - estaca

JOSÉ LINS DO RÊGO  
*Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

06

*Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender. (l. 5-6)*

No trecho acima, há duas orações subordinadas.

Transcreva essas orações e classifique sintaticamente cada uma delas.

---

---

---

---

---

---

---

07

Os trechos transcritos abaixo exemplificam o emprego do mesmo conectivo “e” para exprimir diferentes relações temporais entre dois fatos.

*E o barulho da máquina se aproximando. (...) E o trem parado nos meus pés. (l. 4-6)*

*E o tempo a se sumir. E a tarde caindo. (l. 34-35)*

Aponte o significado desse conectivo. Em seguida, explicita a relação temporal dos fatos em cada um dos trechos.

---

---

---

---

---

---

---



08

No texto de José Lins do Rêgo, o narrador recorda um episódio de seu passado, em que foi dominado por um sentimento que o acompanhou durante a viagem de trem e a chegada ao engenho.

Identifique esse sentimento e as duas situações que o geraram.

---



---



---



---



---



---

#### Texto IV

### Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.  
 Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da  
 Marinha, onde nasci.  
 Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do  
 5 chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.  
 Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de  
 estar entre pedras e lagartos.  
 Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.  
 Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me  
 10 sinto como que desonrado e fujo para o  
 Pantanal onde sou abençoado a garças.  
 Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo  
 que fui salvo.  
 Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.  
 15 Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de  
 gado. Os bois me recriam.  
 Agora eu sou tão ocaso!  
 Estou na categoria de sofrer do moral, porque só  
 faço coisas inúteis.  
 No meu morrer tem uma dor de árvore.

MANOEL DE BARROS

*Poesia completa.* São Paulo: Leya, 2010.

09

Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me

sinto como que desonrado e fujo para o

Pantanal onde sou abençoado a garças. (v. 9-11)

A palavra “onde”, sublinhada acima, remete a um termo anteriormente expresso.

Transcreva esse termo.

Nomeie também a classe gramatical de “onde”, substitua-a por uma expressão equivalente e indique seu valor semântico.

---

---

---

---

---

---

---

10

Uma obra literária pode combinar diferentes gêneros, embora, de modo geral, um deles se mostre dominante.

O poema de Manoel de Barros, predominantemente lírico, apresenta características de um outro gênero.

Identifique esse gênero e cite duas de suas características presentes no poema.

---

---

---

---

---

---

---











